

Resultados: Desde a sua criação, já aconteceram 49 Encontros da “liga das Ligas” (como é carinhosamente apelidada), sendo 35 presenciais (interrompidos pela pandemia) e 14 virtuais de outubro de 2020 a abril de 2022. O número de participantes nos encontros presenciais variou de 54 a 136 (mediana de 72,3), enquanto a mediana nos virtuais foi mais que o dobro: 156,5 (entre 85 e 208). Estes números correspondem a mais de 15 Ligas de Infectologia participantes (e alguns visitantes independentes), das quais 12 foram responsáveis pelas apresentações dos Casos Clínicos (rodízio definido no início do ano letivo). Além de mais alunos, outro ganho do modelo virtual foi possibilitar a participação de Ligas Acadêmicas do interior de SP e, mais recentemente, de outros estados: PR, MG e PE. Algumas intempéries relacionadas à transmissão pela internet são as únicas críticas recorrentes apontadas no feedback do evento.

Conclusão: As Ligas Acadêmicas são atividade extracurricular de extensão universitária que despertam, dentre outros, o interesse dos futuros médicos por determinada especialidade - no caso, a Infectologia. O expressivo alcance (facilitado pela tecnologia online) destes Encontros reforça a vocação e a responsabilidade do IIERibas neste contexto, motivando-nos a continuar com esta iniciativa que carrega um potencial de abrangência ainda maior – estejam todos convidados a participar!

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102583>

ÁREA: ARBOVIROSES

EP-156

VIGILÂNCIA DAS ARBOVIROSES: DENGUE NO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO - SP EM 2021

Keila da Silva Oliveira,
Fabiana A. Toneto Paniagua,
Helaine Balieiro Souza,
Geraldo Reple Sobrinho, Mieco Utishiro Sakata,
Karen Aparecida Jorf, Ronaldo Novaes Souza,
Marco Aurélio Ferreira,
Cícera Leila Feitoza Martins,
Cristiane Marcusso

Centro de Informações Estratégicas em Vigilância em Saúde (CIEVS), São Bernardo do Campo, SP, Brasil

Introdução: A dengue é uma doença infecciosa febril aguda que se inicia abruptamente com febre alta (39°C a 40°C), seguida de cefaléia, prostração, mialgia, artralgia, dor retroorbitária, náuseas, vômitos e exantema. Podem aparecer manifestações hemorrágicas (petéquias, epistaxe, gengivorragia, sangramento gastrointestinal, hematúria e metrorragia). Quando a febre cede (entre o 3º e o 7º dia de seu início) alguns pacientes apresentam sinais e sintomas como vômitos, dor abdominal intensa, hepatomegalia dolorosa, desconforto respiratório, letargia, derrames cavitários (pleural, pericárdico, ascite), plaquetopenia e hemoconcentração chamados de

sinais de alarme, caracterizando o agravamento da doença para a forma grave.

Objetivo: Identificar o número de casos de dengue no município de São Bernardo do Campo em 2021 e estabelecer estratégias para o controle do agravo.

Método: Estudo descritivo, quantitativo. Foram avaliados os dados do SINAN e Fichas Epidemiológicas dos casos de dengue no ano de 2021.

Resultados: Em 2021 foram notificados 949 casos suspeitos, 734 (77,34%), foram descartados, 215 (22,65%) casos foram confirmados, destes 153 (71,16%) casos autóctones, 62 (28,83%) casos importados. Os casos importados eram provenientes da Bahia 3 (5%), Ceará 3 (5%), Espírito Santo 1 (2%), Maranhão 1 (2%), Minas Gerais 3 (5%), Mato Grosso do Sul 1 (2%), Paraná 2 (3%), Rio de Janeiro 1 (2%), São Paulo 47 (76%). Incidência 18,1/100mil hab. Os pacientes apresentaram quadro clínico de sintomas clássico. Nenhum paciente evoluiu a óbito por dengue. Foram realizadas atualizações sobre dengue como forma de educação continuada para profissionais de saúde na questão do manejo clínico e notificação. O Centro de Controle e Zoonoses intensificou as ações para combater o mosquito *Aedes aegypti*. Embora o município em 2021 não tenha um número significativo de casos autóctones, manteve-se em alerta o controle ao mosquito com intensidade.

Conclusão: A infecção pelo vírus da dengue causa uma doença de amplo espectro clínico, podendo evoluir para o óbito. As medidas de controle no município se restringem aos criadouros e ao vetor *Aedes aegypti*, uma vez que não há drogas antivirais específicas e embora exista vacina, a mesma não faz parte do calendário nacional de rotina do SUS. A finalidade das ações de rotina é manter a infestação do vetor em níveis incompatíveis com a transmissão da doença cujas ocorrências de dengue são maiores durante o verão, sendo necessárias medidas de controle no período epidêmico e de prevenção no pós epidêmico.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102584>

EP-157

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA DENGUE NO MUNICÍPIO DE PIRACICABA

Vinicius da Costa Moyses

Universidade Anhembi Morumbi (UAM), São Paulo, SP, Brasil

Introdução: A dengue é uma doença infecciosa, aguda e febril transmitida pela fêmea do mosquito *Aedes aegypti*. A arbovirose é classificada como uma doença tropical negligenciada e estima-se que cerca de mais de 100 países tropicais e subtropicais enfrentam epidemias sazonais da doença. A grande ocorrência de dengue no Brasil (502.983 casos prováveis na semana epidemiológica 44 de 2021) chama a atenção para a importância de conhecer o perfil epidemiológico dessa doença em um município do estado de São Paulo.

Objetivo: Traçar um perfil epidemiológico, a partir de base de dados secundária, de casos positivos no município de Piracicaba entre os anos 2000 e 2020.

Método: Trata-se de um estudo quantitativo retrospectivo (2000 – 2020) de casos notificados pela Secretaria Municipal de Saúde de Piracicaba obtidos por meio do repositório do Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba (IPPLAP). Os critérios de seleção foram todos os casos notificados no município.

Resultados: No período analisado, Piracicaba registrou, em média, 26036 notificações, sendo estas 12.334 do gênero masculino (47%) e 13.702 do gênero feminino (52%). Dos anos analisados, 2007 (22%) registrou o maior índice de casos notificados, sendo 5.681 registros, contrapondo-se à 2000 que notificou apenas 20 casos (0,023%). Quanto à faixa etária, a de maior destaque fora a dos 10 aos 19 anos, com um total de 7.899 (30%) das notificações, seguida pela faixa dos 20 aos 29 anos (20%), enquanto que menos de 1 ano (0,38%) e maiores de 80 anos (0,25%) registraram 100 e 66 casos, respectivamente. Por fim, as regiões Centro e Norte apresentaram juntas 7.462 casos (29%), em oposto às regiões sul e rural que notificaram 4.040 casos (16%).

Conclusão: Por meio da análise dos dados propostos, encontram-se números alarmantes quanto à ocorrência de dengue no município de Piracicaba, de modo flutuante nos últimos anos. Com isso, chama-se a atenção para a necessidade e importância dos mecanismos de intervenção do ciclo da doença, como educação em saúde e identificar as áreas de maiores recorrências da doença; e correta notificação dos casos, com atualização frequente das bases de dados, a fim de diminuir os casos de dengue na cidade.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102585>

ÁREA: COVID-19

EP-158

FREQUÊNCIA DE BACTEREMIAS E CANDIDEMIAS EM CASOS FATAIS DE COVID-19 EM HOSPITAL DE REFERÊNCIA DA BAHIA

Geovanna Neri Gomes, Alana Coleta L. Pereira, Verônica de F.D. Rocha, Alessandra Carvalho Caldas

Instituto Couto Maia (ICOM), Salvador, BA, Brasil

Introdução: A COVID-19 é causada pelo vírus SARS-CoV-2 e a possibilidade de coinfeção por bactérias e fungos pode ocorrer devido a diversos fatores como a destruição dos tecidos, liberação de citocinas e desregulação do sistema imune, mas também por características intrínsecas do indivíduo e suas comorbidades, podendo contribuir para o aumento da mortalidade e severidade dos casos.

Objetivo: Descrever a frequência de bacteremias e candidemias em pacientes com COVID-19 que evoluíram a óbito em um hospital especializado de infectologia de Salvador-Bahia, e caracterizar os principais microrganismos associados e perfil de sensibilidade.

Método: Trata-se de um estudo observacional retrospectivo de corte transversal, unicêntrico e descritivo realizado no Instituto Couto Maia. Foram incluídos pacientes com COVID-19 diagnosticados por RT-PCR que evoluíram a óbito no período de abril a dezembro de 2020, e apresentaram bacteremia e/ou candidemia até 14 dias antes do óbito. Foram considerados para o estudo pacientes cujas hemoculturas evidenciaram pelo menos um resultado positivo com *Candida* spp. ou bactérias, exceto para o grupo dos *Staphylococcus* coagulase negativa que deveriam ser detectados em pelo menos 2 coletas. Os dados foram armazenados em banco de dados no Excel e analisados no SPSS. A análise das variáveis foi descrita em frequência simples e proporção.

Resultados: Foram incluídos 206 pacientes e 16.5% (n = 34/206) apresentaram infecção de corrente sanguínea. Os agentes mais frequentes foram 26.4% *Klebsiella pneumoniae*, 17.6% *Acinetobacter baumannii*, 14.7% *Candida* spp, 14.7% *Enterococcus faecalis*, 8.82% *Burkholderia cepacia*, 5.88% *Pseudomonas aeruginosa*, 2.94% *Providencia* spp, 2.94% *Proteus* spp e 2.94% *Staphylococcus aureus*. Todos os *A. baumannii* e 77% das *K. pneumoniae* apresentaram resistência aos carbapenêmicos. Sobre as *K. pneumoniae*, 66% apresentaram resistência a gentamicina e 33% a amicacina. Todos *A. baumannii* eram sensíveis a gentamicina. Todos *E. faecalis* apresentaram sensibilidade a vancomicina. Não foi detectado *S. aureus* resistente a oxacilina.

Conclusão: O aumento de infecções por gram negativos multirresistentes e *Candida* spp. durante a pandemia também foi evidenciado em outros estudos. É possível que a infecção por esses microrganismos tenham contribuído para os óbitos desses pacientes.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102586>

EP-159

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS GESTANTES INFECTADAS PELA COVID-19

Giovanna Panegassi Peres, Julia Gória Ferraz, Ana Flávia Mesquita Matos, Maria Stella Amorim Zöllner

Universidade de Taubaté (UNITAU), Taubaté, SP, Brasil

Introdução: Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a existência de uma pandemia causada pelo novo coronavírus, SARS-CoV-2, agente etiológico da COVID-19. A partir disso, rapidamente esse vírus se propagou pelo mundo inteiro, vulnerabilizando diversos grupos, como as gestantes, isso porque sua infecção aumenta o risco de complicações e a morbimortalidade para a grávida e para o feto. No Brasil, até maio de 2022, cerca de 22 mil gestantes foram infectadas, culminando no óbito de 2.026 mulheres, além da necessidade de tratamento em Unidades de Terapia Intensiva para aproximadamente 25% desse total. Em vista desses impactos é evidente que a COVID-19 em gestantes consiste em uma grave questão de saúde pública.